

# Ensaio

---



Antigo Prédio do Clube Recreativo Anapolino - CRA

Fonte: Instituto de Patrimônio Histórico e Cultural JanMagalinsk



## CARTA PARA QUEM ENTROU EM UMA UNIVERSIDADE PÚBLICA

Ronaldo Angelini

Muito bem, você entrou numa universidade pública. Está entre aqueles cerca de 3 a 4% de brasileiros que não pagam pra fazer o curso superior. Parabéns! Será uma economia e tanto para sua família. Pelo que pude pesquisar, um curso particular de Biologia, por exemplo, não sai por menos de \$600,00/mês. As Engenharias giram em torno de R\$800,00, e mesmo cursos “giz e lousa”, como Administração e Pedagogia, devem estar na faixa de R\$350,00 a R\$550,00. Multiplique isso por 12 (meses) e por 4 ou 5 (anos) e você terá uma idéia do custo.

Ainda é muitíssimo provável que a universidade pública em que tenha entrado seja menos pior que suas vizinhas que cobram mensalidades (filantrópicas, privadas, etc.). Essa diferença se dá por vários motivos. O primeiro, mas não principal, é o fato de que pelo menos 40% dos professores das universidades públicas têm se esforçado pra realizar, dentro dos limites financeiros e intelectuais de cada um, pesquisas científicas em suas áreas de concentração. Essa atividade faz com que o professor estude, leia, reflita um pouco mais (sei que isso era pra ser feito sem a pesquisa, mas não é o que ocorre) e até conte com sua ajuda na pesquisa como orientado. Por isso, é muito provável que as aulas dele sejam mais informativas, ou que ele se encontre mais preparado para responder a suas perguntas.

Mas a razão fundamental pela qual a universidade pública é, ênfase, em geral, menos pior que a paga, é a qualidade do aluno. Pois é, estou falando de você mesmo. Com as honrosas exceções de sempre, as universidades públicas têm maiores relações candidatos/vaga nos vestibulares; logo, seus alunos passaram por uma seleção maior e então, na média, eles estão mais preparados para terem aulas de Cálculo, Química Orgânica, Citologia, Genética de Populações, Estatística e congêneres. E aí, o professor pode ser um pouco mais exigente, pois ele não precisa ficar ensinando conta de porcentagem, as Leis de Mendel, ou ainda que “exceção” se escreve com “ç” e não com “ss”. Pode parecer bobagem, mas faz uma diferença e tanto para o professor e conseqüentemente para o nível da disciplina.

É, eu sei... Há professores nas universidades (públicas e particulares) que também não sabem escrever... (depois eu conto essa história com mais calma). Pois é, mas aqui vamos falar entre a gente – que somos minimamente sensatos pra usar um corretor de texto... OK?

Caro aluno, ressalto que não estou a dizer que, se você passou num curso com baixa relação candidato/vaga, é porque sua qualidade é baixa. É apenas um fato: a média das notas dos vestibulares mais concorridos é maior que as dos menos – porém, como diria o Roberto Campos, só os medíocres calculam a média. O que quero dizer é: se seu curso não foi muito procurado, há fortes indícios de, na média, sua turma estar menos preparada para algumas disciplinas, o que aumenta a sua responsabilidade de estudar com dedicação, pois inevitavelmente o professor abaixará o nível. Mas, se você passou num vestibular disputado, e está se achando, como se dizia no meu tempo, o bonitão da bala-chita, pode pôr suas barbas de molho, pois sua obrigação de estudar só aumenta, na mesma proporção em que o professor deve puxar o nível do curso.

Estudar. Estudar. Estudar. Há dois argumentos igualmente importantes que tornam seu estudo um compromisso. O primeiro é diretamente de seu interesse. Só pra dar dois exemplos que conheço: por ano no Brasil formam-se 10 mil biólogos e 50 mil bacharéis em Direito (que após o exame da OAB tornam-se advogados). Como o país não cresce, onde essa gente toda vai arrumar emprego? Então, é preciso se preparar bem para o próximo vestibular, que é o do mercado de trabalho, e do Brasil, o “país do futuro”. Pra isso há vários caminhos, mas, de longe, o mais correto – e eu diria até o mais divertido – é o estudo concentrado e, de preferência, individual. Cuidado com esse negócio de estudar em grupo; isso só deve ser feito depois do estudo individual e mesmo assim em véspera de prova, pra tirar dúvidas e diminuir aflições.

Isso não quer dizer que você vai virar um mesquinho de nariz empinado que não conversa com seus colegas e não lhes tira as dúvidas (aliás, ensinar aos colegas é uma ótima maneira de testar os próprios conhecimentos). Mas você tem que se ajudar primeiro pra depois ajudar os outros. Eu sei que é difícil saber até que ponto se está sendo egoísta ou não, mas isso faz parte do amadurecimento de nosso caráter. Pratique o seu. Medite sobre ele.

O segundo argumento para você estudar mais pra ter conhecimento do que simplesmente pra tirar “cinco-bola” e passar na disciplina é o moral. Você e sua família não pagam diretamente pela universidade. Mas ela não é gratuita, sabia? Os impostos de todos os contribuintes custeiam seu curso, incluindo, claro, os impostos que você, seus pais e parentes pagam – mas principalmente os impostos das muitas pessoas que não freqüentam a universidade. Compreende que até a faxineira das salas de aula paga imposto, e que muitos de seus colegas ainda têm a falta de educação de jogar papel no chão? Não pense que seu curso seja mais barato que os das faculdades particulares que apontei no primeiro parágrafo. Ele não é.

Como se isso não bastasse, professores, alunos estudiosos e principalmente os coordenadores de curso têm que ficar agüentando alguns alunos irresponsáveis que vivem apoquentando todo mundo com mudanças de horários pra que eles possam se formar. Imagine o prejuízo que esses caras não dão pro Estado e conseqüentemente pro povo!... E depois alguns deles reclamam da vida, do “sistema” e dos políticos corruptos. É, eu sei... O mesmo pode ser dito para muitos professores, mas a conversa agora é com você.

Por falar nisso, a gente reclama muito dos políticos corruptos. Mas (é quase inacreditável dizer isso em público) há muito aluno que pensa que é esperto porque cola na universidade. E me diga: qual a diferença entre um político que recebe favores por debaixo do pano e um aluno que recebe ou carrega “favores” por debaixo da prova? Eu respondo. A diferença está no cargo. Um é aluno, o outro é político. Entendeu? Por isso, se você quer falar mal dos políticos, olhe pro próprio umbigo, principalmente antes das provas, e viva o seu pequeno dilema shakespeariano: “Ser ou não ser: eis a questão”.

Você pode me perguntar se o professor não tem a obrigação de fiscalizar a prova. Ele tem. Mas a obrigação principal do professor é ensinar, e a sua é aprender. Além disso, você já está com mais de 18 anos, não dá pra ter um pouco de bom senso? Se as leis no Brasil fossem mais duras, acredito até que seria possível processar o aluno que cola por “falsidade ideológica”. Mas já viram, né?... Provavelmente o advogado do aluno também usaria a velha desculpa do caixa 2... Tá vendo?... Para melhorar o Brasil, é preciso melhorar a si próprio primeiro. Comece estudando pra valer.

Você deve estar se perguntando: “Mas, professor, nossas bibliotecas, em geral, estão em frangalhos; a maior parte dos professores não oferece estágios porque não há condições de laboratório; e a gente tem que trabalhar; etc... Como estudar nessas condições?”.

Novamente. Não há desculpas pra não estudar. Pra quem trabalha, compreendo que a vida não seja fácil. Mas ela continuará dura depois da universidade, se você só passar por esta e não adquirir conhecimento através do estudo. De uma vez por todas: diploma não faz mais diferença nenhuma para quem tem carne, miolo e ossos. É claro, faz diferença pras estatísticas do governo, da universidade, etc.

Também tenho notado uma coisa relativamente comum em quem trabalha e estuda. No local de trabalho, ele reclama que tem que estudar e por isso as pessoas têm que ter paciência com seu desempenho aquém do esperado. Na universidade, ele, por trabalhar, não tem tempo de estudar. Então, se você trabalha e não pode deixar seu trabalho para apenas estudar – o que seria o ideal –, há de se esforçar mais ainda. Eu e outros professores aplaudimos seu esforço, compreendemos a sua batalha, oferecemos nossa ajuda, que é o nosso conhecimento (e obrigação), mas não podemos ter pena de você, nem favorecê-lo. Não é nada pessoal, é apenas profissional.

Para você que tem a tranqüilidade de não precisar trabalhar, mas ainda sim vive na corda bamba, eu gostaria de dar algumas dicas de “estudo-trabalho”. Comprar livros seria o ideal, porém ainda mais fundamental é ter computador e internet rápida em casa. (Não é muito barato, mas se você compara com a mensalidade da universidade que você não paga...). Com a internet você pode acessar periódicos científicos em sites (<http://www.scielo.br/>); ver o currículo daquele seu professor papudo pra saber o que ele anda publicando, pois, em muitos casos, mestrado e doutorado querem dizer pouca coisa (<http://lattes.cnpq.br/index.htm>); baixar teses que acabaram de ser defendidas (<http://www.capes.gov.br/>); ler blogs de divulgação científica (<http://cienciaemdia.zip.net/>) e se comunicar com as pessoas. Preciso lembrar que computador é ferramenta de trabalho e não de diversão ou fofoca? Então, tá bom...

Outra coisa é aprender inglês. Pense bem: você teve inglês quatro anos no ensino fundamental e três no médio. Deu pra aprender o verbo “to be”, OK? Então agora é hora de ler em inglês. É imprescindível instruir-se nisso antes de sair da universidade e isso não se faz

de uma hora pra outra. Comece já. Digo isso com a maior experiência, pois sofri muito para ler em inglês e agora tenho que contar com a tolerância dos sul-africanos com meu inglês fraquiiiiinho... Não me venha com aquela bobagem de língua do “império dominador”, etc... Aprender outra língua é uma sensação muito gratificante. Além do que na internet há livros e mais livros das mais diversas ciências, e países, em inglês. É só baixar, pegar o dicionário, ler, anotar e estudar.

Tem mais algumas dicas. Não perca tempo com movimentos estudantis. Existe muita coisa errada nas universidades. Porém lembre-se de que elas não serão arrumadas em 4 anos, e, quando você se formar, seu futuro empregador não vai querer saber se você participou do Centro Acadêmico. Ele só quer que você tenha as habilidades que ele exige, e então conhecimento é fundamental. É!... Perdi meu tempo com essas bobagens estudantis, por isso meu inglês hoje não é tão bom e deixei leituras fundamentais, e depois tive que correr atrás... Sei que a experiência é lanterna na popa, ou seja, “só ilumina as águas passadas pelo barco de cada um”, mas fica o meu conselho: entre uma reunião do CA pra organizar um movimento pra pedir restaurante universitário e uma leitura de Dostoiévski ou de um Stephen Jay Gould, prefira os livros.

Fico feliz que você tenha chegado ao final deste meu longo texto. Não! Não sou o Morpheus. Eu não tenho as pílulas azul e vermelha pra lhe oferecer, mas tomei a liberdade de falar a sua verdade, a partir de agora. Você não paga pelo estudo, por isso tem que mostrar a que veio. Diploma não é adorno de parede e, mesmo que fosse, poderia ser roubado. Conhecimento adquirido nunca. Parabéns mais uma vez e boa sorte.

Março de 2007